



AMAR INCONDICIONALMENTE A VIDA
HOMILIA NA EUCARISTIA A PROPÓSITO DA INAUGURAÇÃO
DO CENTRO SOCIAL DE MOIMENTA

03 Maio 2015 – Moimenta-Covas, Terras de Bouro – 10h

O Evangelho de hoje apresenta-nos uma das imagens mais expressivas da identidade cristã. Assim como os ramos não têm vida separados da videira, também o cristão é informe desvinculado de Cristo, da Igreja e de uma consequente integração activa na sociedade. «Permanecer em Cristo» é a expressão mais utilizada neste Evangelho. Surge por sete vezes. Segue-se outra frase programática, «dar fruto», que se repete por seis vezes. Ao contrário da *videira de Israel*, transplantada do Egipto para a Terra Prometida, e que acabou abandonada e queimada no fogo (Sl 80, 9-17), apesar do amor com que foi tratada, Jesus é apresentado como «a videira, a verdadeira». Repare-se no ênfase do adjectivo «a verdadeira» colocado no final da afirmação. E porque é Ele a verdadeira videira? Porque é a única capaz de realmente produzir frutos.

Permanecer em Cristo não é verbo de passividade. Permanecer, estar, é o tempo da construção da identidade. Na língua inglesa diz-se inclusive *being*, isto é, *estar* com alguém e, ao mesmo tempo, ser alguém novo por causa dessa presença. Daí que, a Igreja deva compreender que tudo aquilo que faz, a mensagem que transmite, os valores que ensina, as relações que fomenta, tudo isso tem sentido e validade por causa de Cristo. «Sem Mim, nada podeis fazer» (Jo 15, 5), diz o Senhor. A Igreja faz muito por causa de Cristo mas deve fazer ainda mais.

E é justo que se diga, neste momento, que a Igreja tem feito muito pela construção da identidade nacional, pela coesão social e pela solidariedade. Não poderia ser de outro modo. A segunda leitura diz-nos claramente «meus filhos, não amemos com palavras e com a língua, mas com obras e em verdade» (1 Jo 3, 18). Uma fé sem obras é uma fé morta ou, pelo menos, uma fé egoísta, desencarnada e destinada à falência. Precisamos – permitam-me a expressão – de *materializar* a nossa fé de lhe dar visibilidade.

Vivemos tempos de sobressalto social. Todos nós conhecemos casos de pobreza envergonhada, de desemprego, de solidão, de insegurança social e de angústia existencial. Poderá uma sociedade desenvolver-se à custa destes estigmas sociais? Onde está a nossa solidariedade? O cristão, onde quer que se encontre, deve ser uma



sentinela da dignidade humana e actuar com gestos concretos, mesmo que isso implique a denúncia. Não se contenta com as palavras, oferece o pão onde é necessário e ainda ternura nos relacionamentos quotidianos. Estas atitudes são ainda mais urgentes em zonas de profunda desertificação, como é o caso de Terras de Bouro, onde a solidão pode ser preocupante. A comunidade cristã não pode, por isso, tolerar a indiferença. É necessário destrancar as portas do coração e encontrar-se com os outros num amor solícito e terno que dignifique a vida de quem gosta de continuar a residir em lugares quase desertos. Esta caridade não entra nas estatísticas mas é, e deve ser cada vez mais, a estrada e a honra dos cristãos e das comunidades cristãs.

Para além desta acção pessoal de cada cristão, em nome de Cristo, os nossos grupos de voluntários, os nossos grupos informais de caridade e os nossos centros sociais paroquiais têm sido, ao longos destes anos, uma centelha de esperança no meio de águas tão agitadas. Em 2013 contabilizaram-se, só na Arquidiocese de Braga, 205 Instituições de Solidariedade Eclesiais. Poderão parecer muitas mas, na verdade, são sempre poucas quando «a dignidade original da pessoa humana é um valor universal, inalienável e inviolável, no qual se fundamenta a igualdade essencial de todos os seres humanos» (GS 25). Em momento algum elas deverão perder a sua identidade, nem permitir que a sua acção social seja mera prestação de serviços com qualidade. Importa acrescentar a mais-valia da caridade cristã. Não bastam as exigências profissionais e as condições materiais dos espaços, que tantas vezes são impostas por parâmetros que deveriam ser mais realistas. A dinâmica da solicitude fraterna, meiga, carinhosa, solícita e prestável deve ser matriz que as identifique e distingue.

Podemos, assim, sintetizar nalguns itens o genoma da nossa acção caritativa.

- **A caridade cristã tem a marca da proximidade.** Os cristãos são vigilantes atentos que não permitem que um vizinho seja um anónimo a passar necessidades. Com razão dizia Bento XVI que «a sociedade cada vez mais globalizada torna-nos vizinhos, mas não nos faz irmãos» (*Caritas in Veritate* 19).

- **A caridade cristã contribui para a qualidade de vida.** A Igreja tem marcado a sua presença em todos os lugares, mas principalmente naqueles onde outros não desejam estar. Lugares desertificados e marginalizados. Terras de Bouro é para muitos um concelho enigmático e desinteressante. Não é o número de habitantes que justifica a nossa presença. Queremos dar qualidade e dignidade a todos. Porque não



nos revemos em certos esquemas, temos alertado a sociedade civil para situações escandalosas de pobreza e de falta de investimento estatal.

- **A caridade cristã nasce da comunidade.** A caridade faz com que nos constituamos e sintamos comunidade. E se a caridade impele o cristão a agir no seu terreno relacional, a comunidade é sinal e testemunho do modo como o amor é vivido. Daí que ela mesma deva ser porto seguro onde os mais carenciados podem recorrer, pois ela tem movimentos e voluntários capazes de dar respostas adequadas. Os Centros Sociais Paroquiais, que são apenas uma faceta da acção social da Igreja, nunca poderão renunciar a esta matriz de eclesialidade e de preferência pelos mais pobres. Mas, curiosamente, as crescentes exigências, fruto natural de uma qualidade que importa defender, as imposições dos acordos de cooperação e outras realidades podem impedir, por razões de sustentabilidade, que se exerça uma opção preferencial pelos pobres.

Este trabalho pela dignidade da vida não nos dispensa de pensar na vida e no que ela implica. É uma vida a ser defendida e estimulada, desde o nascimento até à morte. Celebramos hoje o Dia da Mãe. Quero abraçar e beijar as mães de todos os diocesanos de Braga, assim como rezar por aquelas que já faleceram. Encontrando-nos num concelho envelhecido, não posso deixar de pensar no dom da maternidade e da paternidade. Necessitamos de mais apoios para os filhos que nascem. Os que existem não são suficientes. Mas, mais importante, é cultivar o amor à maternidade e paternidade. Um filho vale muito mais que muitas coisas materiais que possamos ter. Esta cultura da maternidade começa em casa, passa pelas comunidades eclesiais, pela comunicação social e, nunca esqueçamos, que a escola desempenha um papel decisivo. Sem esta consciência nacional sobre o que se passa nos nossos estabelecimentos escolares e a alegria de ser, hoje e agora, pai e mãe, Portugal não terá futuro.

Que Maria, a mãe da Humanidade, nos torne realizadores de um amor fraterno e amantes da vida, no nascer e no viver.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*